

ESCREVER LITERATURA FANTÁSTICA*

R.C. Vicente**

Para muitos a criação de um livro tem início no momento em que o passam para o papel, em que o escrevem, mas não é assim. O livro começa quando a história surge na mente do autor. Quando o primeiro personagem nasce e ganha forma.

Apreciadores de fantasia, principalmente escritores, poderão compreender as minhas palavras quando digo que os livros não são escritos, mas sim vividos. Cada personagem, cada criatura, cada cena, surge tudo naturalmente e desenvolve-se com tamanho detalhe que muitas vezes, nós, escritores, somos incapazes de lhe fazer justiça no papel. Eu sou escritora de Alta Fantasia, ou, pelo menos, tenho esperança de que a minha obra assim possa ser considerada por quem verdadeiramente é entendido e experiente na avaliação de obras, e posso dizer que não criei nenhum personagem, que o meu livro foi vivido intensamente.

Do nada, quando tinha apenas cinco anos, apareceu um homem e uma mulher na minha mente. Loiros, altos, elegantes. Dei-lhes nome e, quando percebi, viviam através dos meus sentimentos. Sentiam através da minha alma. Quando percebi tinham-se passado quase quinze anos desde o seu nascimento e já viviam acompanhados por muitos outros. Na minha mente surgiu um mundo, um universo repleto de gente e criaturas, mil vezes mais vivo que o nosso. Onde o bem e o mal dançavam bem agarrados, ao som das cigarras de uma noite quente, tal qual dois amantes apaixonados. Onde cada criatura havia nascido de mim, dos meus sentimentos, das minhas paixões, dos meus medos, das coisas que mais admirava e desprezava, e até mesmo das minhas mágoas. Quando percebi, era eu que lhes pertencia e não o contrário...

* Artigo desenvolvido para a edição Nº74, de setembro de 2016, Fantasia Fantástica e Filosofia, da Revista Pandora Brasil.

** Escritora de Fantasia Fantástica, autora de *O Ressurgir dos Eternos Titãs*, pela Chiado Editora de Lisboa e fundadora da Jovens Escritores de Língua Portuguesa.

Acredito verdadeiramente, e isto é a minha mais sincera opinião, que os livros de fantasia considerados “maus” não o são por serem mal escritos ou mal desenvolvidos, mas sim porque foram isso mesmo: escritos. Criados. Alguém os criou propositadamente. Alguém se lembrou de moldar seres com o propósito de um livro daquele determinado género. E nunca uma obra de fantasia será capaz de tocar o coração de um leitor se o seu mundo foi criado por interesse. Na fantasia, a história tem de surgir; de nascer. Todo e cada livro dentro deste género tem de ter uma origem semelhante à do nosso universo, tem de haver uma explosão mental e anímica para que nasça algo que possa abrigar todo aquele que abre um livro em busca de refúgio num outro mundo.

Obviamente que todo o livro precisa de esmero ao ser escrito e muita dedicação e empenho. É mais do que claro que o escrever é uma fase muito importante. Mas que é um livro cuja história não foi vivida pelo seu autor? Que é um livro de fantasia se o seu autor não voou sobre o dorso dos seus dragões, não se transformou nos seus seres fantásticos, nem chorou e sorriu com eles? Que é um livro cuja história não foi sentida, senão um monte de papel com preço?

Eu escrevi uma obra, O Ressurgir dos Eternos Titãs, e peço que não me mal interpretem. Não me considero a nenhum nível uma boa escritora. Sinto-me uma criança a descobrir este fantástico mundo que é a escrita, uma jovem aprendiz a crescer com o auxílio das obras dos grandes mestres. Uma perdida a tentar encontrar o caminho. No entanto, sinto-me satisfeita com aquilo que coloquei no papel. Talvez... talvez mudasse a escrita, se conseguisse ser uma escritora mais dotada. Talvez... talvez aumentasse as setecentas páginas para as mil e quinhentas e inserisse na obra mais cenas e fizesse um pouco mais de justiça aos inúmeros personagens, se pudesse fazer tal coisa. Talvez mudasse muita coisa na minha obra para tentar honrar todos os mestres da fantasia e fazer jus ao género, mas, a verdade, é que me sinto satisfeita. Feliz comigo própria porque vivi aquela obra durante longos quinze anos e ainda a vivo. Porque ainda vivo aquela obra e ela cresce comigo. Porque cada ser que nela existe é fruto de tudo o que se esconde na minha alma, tanto de medos, como de amores, como de amizades, como de desprezos, como de ódios e de perdões, e também da vida

que tenho vivido até aqui. Aquela obra sou eu e espero que de alguma maneira possa tocar o coração do leitor quando for publicada.

Para mim, escrever fantasia é isso. É sentir e viver um mundo que só nós conhecermos. É fugir da realidade. É viajar para outro planeta.

Se tivesse de descrever o processo de escrita e edição da minha obra, diria que foi penoso. Diria que é penoso. É um trabalho que esgota. Que nos faz perder um pouco a vontade de continuar. Que não julguem que é tudo amor e alegria ao escrever uma obra de fantasia, principalmente, a editar uma. Sentimo-nos esgotados. Sofremos muito. Irritamo-nos. Exige muito esforço e, se não exigir, é porque ou a pessoa é um génio sem rival, ou não consegue compreender as próprias falhas.

Dentro deste género, eu diria que a Alta Fantasia é o mais difícil de todos. O escritor tem de passar o mundo para o papel, tem de explicar um mundo criado de raiz ao leitor e tem de se lembrar de todos os detalhes, de todos os pedacinhos, para não cometer erros no futuro. Principalmente, durante o enredo. Tem de haver coerência e muita lógica. Mas, acima de tudo, tem de haver muita pesquisa e muito estudo. Por muito que um escritor tenha vivido a história da sua obra, se não se informar, se não tiver conhecimento de outras que já existem, pode descobrir no final que o seu amado livro, na realidade, não é tão original como pensava. Mas é mais. Um escritor que se nega a ler os grandes mestres, que considera que não precisa de ler os grandes nomes da literatura porque já sabe tudo aquilo que precisa, vai ficar sempre, a nível literário, com uma obra medíocre. Porque o aprendiz tem de aprender com o mestre primeiro para, depois, poder igualar-se a ele ou até mesmo superá-lo.

Foi esta a maior lição que eu obtive quando comecei a passar para o papel a minha obra. Primeiro escrevi um livro sem ler os dos mestres e, depois, editei um livro após ler os mestres. Sabem qual foi o resultado? Anos de edição que se estendem até ao dia de hoje. Porque ao ler os mestres eu compreendi como melhor a minha escrita, tal como compreendi como inovar sem cair nas terríveis inspirações, muito menos, nas cópias descaradas. Aprendi a evitar semelhanças e tentei fazê-lo o melhor que pude. Mas, acima de tudo, consegui encontrar o

meu próprio estilo de narrativa e aprimorá-lo graças aos mestres. Hoje trabalho e estudo constantemente para, um dia, me conseguir aproximar do nível dos grandes. Para que um dia possa ter a honra de ver o meu nome junto com os nomes dos grandes.

Estes são os humildes conselhos que dou a todo o escritor de fantasia: estudem, pesquisem, informem-se, sejam perseverantes, mas... acima de tudo... vivam as vossas obras. Amem as vossas obras.

Toda a história de fantasia tem de conter sentimento para poder acolher todos aqueles que procuram o refúgio de um outro mundo.